

DATIVO, OBJETO INDIRETO E SUA COMPLEXIDADE

Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

Introdução

O nome dativo remete a um objeto qualquer que transite de um indivíduo para outro. O primeiro indivíduo (sujeito) dá um objeto ao segundo. Daí o nome dativo. Ocorre que a ação de *dar* também passa a ocorrer em outros casos. Assim é que um problema vivenciado nos dá dor de cabeça, por exemplo.

O primeiro caso, o de dar um objeto a outra pessoa é algo que experimentamos desde as fases mais tenras de nossa vivência no mundo da linguagem, e precisamos de algum tempo de maturação para que vivenciemos cenas mais abstratas e complexas envolvendo o verbo *dar*. Podemos dizer que a transferência de um objeto é mais concreta do que transferência de ideias. Dar um presente a alguém é mais concreto do que dar aulas, dar bolo, dar um fora.

Em toda e qualquer experiência nas fases iniciais de desenvolvimento do filhote humano, há o franqueamento de objetos por cuidadores, como a mãe ou o pai. Nesses episódios, vamos formando redes de relações semânticas que nos ligam ao que a espécie humana em sua evolução filogenética foi propiciando juntamente com as experiências motoras cada vez mais demonstrando habilidades finas. Nesse sentido, o desenvolvimento da criança (ontogenia) permite reexperimentar algumas fases de evolução da espécie humana (filogenia).

Estudo:

- (a) Que exemplos da língua portuguesa ajuda a entender essas informações?
- (b) Em que categoria cognitiva poderíamos encaixar o objeto indireto típico? E os atípicos?
- (c) Analise o seguinte exemplo: Deu ruim para mim.
- (d) O exemplo seguinte é ambíguo, por favorecer interpretações diferentes a depender de variáveis externas (ou sociais). Explique-o.
Pedro deu um fora.
Pedro deu um fora em Maria.
Pedro deu um fora na aula de Sintaxe.

1. Abstratização do Objeto Indireto

Ao mesmo tempo em que as cenas vivenciadas se abstratizam, também a linguagem e a própria língua vão providenciando construções mais complexas, tal como as que verificamos com o processo de mudança sofrido por alguns verbos. O verbo *dar*, por exemplo, de bitransitivo ou transitivo direto e indireto passa a figurar como um verbo-suporte, em cujo processo de transformação está a incorporação do objeto pelo verbo.

- (1) Fulano deu um bolo a Maria
- (2) Fulano deu um bolo na Maria.

No exemplo (1), o predicador *deu* é seguido de seu complemento direto (objeto direto) “um bolo”, que foi transferido num movimento corporal (físico) ao objeto indireto

“a Maria”. É justamente nomeado como objeto indireto porque o contato com o objeto foi intermediado por outro indivíduo, o Fulano, agente da ação de transferir e propiciar a experiência de destinatária de Maria. Em (2), presenciamos um verbo suporte que é composto pela junção do verbo com seu complemento subcategorizado, o que os torna uma única forma verbal, que codifica uma ação atitudinal de Fulano, qual seja, “deu um perdido”, “faltou ao compromisso sem avisar”.

Assim como ocorre com a função de sujeito e de objeto direto, a complexidade da função latina dativa, que migra para a tradição como objeto indireto, também revela uma gradação de abstratização na mudança de usos e uma complexidade pareada com a aquisição de linguagem.

Sabemos que nossa criança interior percorre um processo de maturação no mundo da linguagem de tal forma que possa compreender informações mais concretas e, aos poucos, ir compreendendo construções mais abstratas. Vamos nesta conversa de hoje compreender como se dá a abstratização dessa função sintática do objeto indireto no português e que outras funções surgem a partir dessa função com *inputs* mais complexos.

2. A tradição gramatical

Para deprender o que poderia ser a tradição do dativo, consultaremos 3 gramáticas: Napoleão Mendes de Almeida, Celso Cunha & Lindley Cintra e Evanildo Bechara.

2.1. Napoleão Mendes de Almeida. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1969 (22ª edição)

Verbos chamados transitivos indiretos têm por complemento o objeto indireto.
Exemplos de verbos transitivos indiretos: gostar (de alguma coisa), obedecer (a alguma coisa), corresponder (a alguma coisa), recorrer (a alguma coisa) etc. (p. 156)

Notas:

1ª – Sendo transitivo, não importa que o verbo tenha dois objetos, um direto, outro indireto:

Dei um presente a meu pai.
objeto direto objeto indireto

2ª – Por necessidade didática chamaremos “transitivo direto-indireto”¹ o verbo que traz um objeto direto e outro indireto.

3ª – Quando a preposição exigida pelo verbo transitivo indireto é *a* e o objeto é nome feminino determinado, esse (*sic*) *a* deve ser craseado (*sic*): “Refiro-me à morte do amigo” (...)²

2.2. Celso Cunha & Luís F. Lindley Cintra. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 139-140.

Objeto indireto é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição. Pode ser representado por:

a) substantivo: Duvidava da riqueza da terra. (N. Piñon, CC, 190) (...)

¹ Também conhecido por bitransitivo, transitivo direto e indireto, duplo transitivo.

² O termo “craseado” significa para o autor “acentuado com crase”, o que se traduz num equívoco ou erro técnico do ponto de vista da Filologia. Crase constitui-se como um fenômeno histórico de fusão de sons idênticos, tal como em: Vou a (prep.) + a (art.) farmácia = Vou à farmácia, em que se põe um acento grave indicativo da fusão ocorrida.

- b) pronome (substantivo): Que ela afaste de ti aquelas dores (...) (Florabela Espanca, S, 24) [...]³
- c) numeral: Os domingos, porém, pertenciam aos dois. (F. Namora, CS, 113) [...]
- d) palavra ou expressão substantivada: [...]Enche de estar presente o mar e o céu. (F.Pessoa, OP,14)
- e) oração substantiva (objetiva indireta):
Não te esqueças de / que a obediência é o primeiro voto das noviças. (J. Montello, DP, 236).

2.3. Evanildo Bechara. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p. 421-424.

Bechara distingue, além de objeto indireto, outras funções que, segundo ele, seriam derivadas umas das outras. Leiamos suas descrições:

a) Objeto indireto:

“em geral é um **ser animado**, introduzido pela **preposição “a”** e que se refere à pessoa **destinada ou beneficiada** pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento)⁴:

O diretor escreveu cartas **aos pais**.
Os vizinhos se queixaram do barulho **à polícia**.

As características atribuídas pelo gramático ao objeto indireto são as seguintes:

- a) é introduzido apenas pela preposição “a” (raramente “para”);
- b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal;
- c) expressa o significado gramatical “beneficiário”, “destinatário”;
- d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo “lhe/lhes”, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (o, a, os, as) ou ao complemento relativo (prep. + ele, ela, eles, elas).

Enviaram o presente **à aniversariante**. / Enviaram-**lhe** o presente.
O diretor escreveu cartas **aos pais**. / O diretor escreveu-**lhes** cartas.

Pode acontecer de haver duplicação (redobro) desse pronome, sem que ocorra topicalização desse termo, ou seja, sem que apareça antecipado na oração:

Sempre **lhe** dei **ao aluno** muita atenção.
Ao aluno sempre **lhe** dei muita atenção. (Bechara, p. 422)

O objeto indireto (ou complemento indireto) equivale a um termo, segundo Bechara,

³ Pronome substantivo é o pronome que substitui o substantivo: Meus amigos são estes. “Estes” equivale a “estes amigos”. Logo, substitui o termo substantivo. Pronome adjetivo é aquele que acompanha o substantivo: Meus amigos são estes. Essa mesma lógica pode ser aplicada aos numerais: Comprei dois sorvetes (numeral substantivo), e dei um (numeral substantivo) para Maria.

⁴ Argumento: estruturalista > gerativistas/funcionalistas
Argumento externo – não depende da semântica do verbo
Argumentos internos – dependem da projeção semântica do verbo

“que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.” (p. 422)

Um bom teste para reconhecer a diferença entre um objeto indireto e um complemento relativo é a avaliação da imprescindibilidade do termo. Analisemos os termos grifados nas seguintes orações selecionadas por Bechara (p. 422):

- (i) Preciso do auxílio.
- (ii) Queixou-se da turma ao diretor.

Se excluirmos o termo grifado de cada um dos exemplos, verificaremos que a informação restante faz sentido em (ii), mas não o faz em (i). Com isso, talvez possamos dizer, de acordo com Bechara, que (i) tem um complemento relativo e que (ii) tem um objeto indireto. Logo, os objetos indiretos não são tão necessários quanto os complementos relativos.

b) Complemento Relativo

Trata-se de um complemento de verbo com um conteúdo léxico, segundo Bechara,

de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição (p. 419)

Exemplos oferecidos pelo autor:

- b.1. Todos nós gostamos de cinema.
- b.2. O marido não concordou com a mulher.
- b.3. Poucos assistiram ao concerto.
- b.4. O comerciante não confiou no empregado.

A preposição que encabeça o complemento (grifado em cada exemplo) é uma necessidade regencial do verbo, ou seja, é uma extensão léxica do verbo, o que faz com que consideremos a preposição como uma palavra que não admite variação é altamente demandada pela regência gramatical. Há, contudo, uma diferença entre eles. Notemos que os exemplos b.2 e b.3 demonstram-se mais integrados historicamente, pois a preposição regencial já está presente (e não percebida) como prefixo no predicador verbal.

Os estudos sobre mudança gramatical (gramaticalização) já demonstraram que há uma tendência de objetos indiretos se gramaticalizarem na função de complemento relativo com o auxílio de preposição:

Ajudar a missa < Ajudar à missa.
Atender o telefone < Atender ao telefone.
Assistir os carentes < Assistir aos carentes.
Chamar românicas essas línguas < Chamar românicas a essas línguas.
Presidir a sessão < Presidir à sessão.
Satisfazer o pedido < Satisfazer ao pedido.

Os exemplos mais à direita seriam, por assim dizer, mais antigos na língua do que os mais à esquerda.

c) Dativos livres

Objetos indiretos podem funcionar como argumentos mais livres sintático-semanticamente do conteúdo veiculado nas orações. São os seguintes tipos:

c.1) Dativo de interesse → indica, de maneira secundária, a quem interessa ou prejudica a ação do verbo. Ex.: Ele só trabalha para os seus.; Ele ligou-me amavelmente a luz.

c.2) Dativo ético → indica aquele a quem o falante faz um uso enfático sinalizando um desejo ou uma avaliação. Ex.: Não me reprovem estas ideias!; Não me mexam nos papeis; Ele sempre te saiu um grande mentiroso.

c.3) Dativo de posse → exprime o possuidor. Ex.: Doem-me as costas; O médico tomou-lhe o pulso.

c.4) Dativo de opinião → exprime a opinião de uma pessoa. Ex.: Para ele a vida deve ser intensamente vivida.; Para nós ela é a culpada.

Com relação às orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, não há qualquer discussão mais aprofundada. Constituem-se como construções altamente complexas da função de objeto indireto, e o exemplo oferecido pelo autor é o seguinte:

Ex.: *Enildo dedica sua atenção / a que os filhos se eduquem.*

Oração principal: *Enildo dedica sua atenção*

Oração subordinada substantiva objetiva indireta: *a que os filhos se eduquem*

3. TAREFAS

Tarefa 1: recolha num livro didático alguns exemplos de objeto indireto e veja se aparecem entre elas casos que poderiam ser classificados como complemento relativo ou dativos livres.

Tarefa 2: consulte a diferença entre *objeto indireto* e *complemento nominal*. Recolha exemplos para explicar mais claramente.

Tarefa 3: consulte a diferença entre *Oração subordinada substantiva objetiva indireta* e *Oração subordinada substantiva completiva nominal*. Recolha exemplos para explicar mais claramente.